



Ficar e namorar: uma visão baumaniana sobre a fluidez dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade

Kassios Cley Costa de Araújo¹
UFRN

Resumo: *Este trabalho se insere na área de investigação da Linguística Aplicada, circunscrevendo-se na compreensão da Linguagem enquanto Prática Social historicamente situada e se configura como uma pesquisa qualitativa de base interpretativista. A investigação tem como objeto de estudo os verbos ficar e namorar enquanto expressão de relações afetivas na contemporaneidade, a partir da questão da redação do Processo Seletivo Vestibular 2005 da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a qual tem a seguinte instrução: “Em um relacionamento a dois, qual a melhor opção a ser feita? Deve-se apenas “ficar”, somente namorar, ou, alternadamente, “ficar” e namorar?”. As redações elaboradas pelos candidatos permitem questionar que sentidos e valores ficar e namorar assumem hoje, enquanto expressão de relações afetivas e como essas relações podem interferir na tomada de posição dos sujeitos numa situação formal de vestibular (VOLOSHINOV, 1995), bem como as diversas formas de apropriação do discurso alheio presente nos mesmos. As produções textuais refletem sobre as relações afetivas na contemporaneidade, assumindo um posicionamento contrário às relações de natureza temporária, o que margeia todos os textos analisados e ratificam não só a fluidez dos relacionamentos afetivos (BAUMAN, 2009), mas ainda a multiplicidade do sujeito contemporâneo (HALL, 1997).*

Palavras-chave: Relações afetivas, Sentido e valor, Fluidez.

Abstract: *This work is concerned to Applied Linguistic studies, that is, the understanding that language is a social practice inserted in a historical context, for that reason, this kind of research is qualitative and based on interpretation. This research aims to investigate the verbs make out and date when used to express affective relationships nowadays. Our corpus is formed by a collection of papers written in the Vestibular 2005 process promoted by Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), that had this instruction: “In a relationship, is it better “make out”, just “date”, or, both, “make out” and “date”? Those papers are important to analyze the meaning and values that the verbs “make out” and “date” have nowadays, as expressions of an affective relationship and how this situation can interfere in the positions of subjectivity in a formal instance as a vestibular (VOLOSHINOV, 1995), and the ways of appropriation of a third person discourse. Those textual productions reflect affective relationship in opposition to the temporary one. This confirms the intensity of affective relationships (BAUMAN, 2009) as well as the multiplicity of contemporaneous subjectivity (HALL, 1997).*

¹ kassiosaraujo@hotmail.com



Keywords: Affective relations, Sense and values, Fluidity.

1. Introdução

Que sentidos emergem em enunciados produzidos em situação de vestibular? Que valores atravessam esses sentidos? Como se dá o processo do significar? Que vozes ecoam nesses enunciados? A quem elas respondem? Essas indagações constituem o cerne sobre o qual trata este trabalho, cujo objeto de estudo são os verbos *ficar* e *namorar* enquanto expressão de relações afetivas na contemporaneidade, em textos produzidos nas redações do vestibular 2005 da UFRN. É objetivo dessa pesquisa identificar e descrever os sentidos e valores atribuídos às vozes presentes nos usos dos verbos *ficar* e *namorar* em esferas de circulação discursivas institucionalizadas.

No mundo contemporâneo, marcado por relações fluidas, não sólidas (BAUMAN, 2001), muito se discute sobre aspectos do comportamento social, principalmente no que tange a questões de relações afetivas. Interessamo-nos, portanto, trabalhar com essa temática, por ser uma proposta extremamente instigante no campo da linguagem e das práticas sociais, uma vez que faz uso da linguagem em uma situação real, num contexto institucional em que os sujeitos envolvidos no processo de produção textual são representantes dos diversos pontos de vista que circulam na sociedade.

Para tanto, adotamos uma concepção de linguagem como prática discursiva, que leva em conta os sujeitos envolvidos, a situação sócio-discursiva, as posições axiológicas desses sujeitos, rompendo, assim, com toda uma tradição dos estudos da linguagem que dispensam os sujeitos e a historicidade dos eventos comunicativos. Dessa forma, deslocamos o foco da estrutura da língua, ou seja, de seus aspectos formais, para o do enunciado no qual se levará em conta a discursividade.

Ao assumir esse posicionamento, cujo foco tem no enunciado o seu protagonista, buscamos mostrar que todo texto se configura como um evento, um acontecimento, em que se reúnem sujeitos em posições axiológicas, numa heteroglossia dialogizada e que faz emergir sentidos e valores (BAKHTIN, 2003).



A discussão acadêmica que envolve questões de significação é uma das mais problemáticas na Linguística (VOLOSHINOV, 1995). Pensar o signo numa perspectiva ampla que extrapole seus próprios limites de sentido e reflita seu caráter ideológico, não se restringindo apenas ao domínio lingüístico, mas que se espraie ao domínio discursivo e, conseqüentemente a vida é o que revela a preocupação dos autores do Círculo de Bakhtin em lidar com essa questão.

Nesse sentido, a discussão em torno desse tema ganhou relevância tanto nos postulados teóricos quanto nas preocupações em se verificar como se dá esse processo numa situação de contexto social. Além disso, os estudos hoje sobre ensino da língua materna apontam para a necessidade de que sejam explorados, ao nível do ensino médio, conforme Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), a questão da discursividade da língua em práticas sociais.

Para Oliveira (2002), deve-se pensar a linguagem na perspectiva de uma prática social, na qual, o discurso, moldado pelas relações de poder e ideologias, apresenta-se como processos de significação, manifestação de pontos de vista, de subjetividades, provocando efeitos nas construções identitárias. Sendo assim, deve-se pensar uma concepção de linguagem, portanto, para além das relações que se estabelecem nos limites da língua, condensando a ideia básica de que todo fato de significação é resultado de um trabalho social, realizado por sujeitos ativos no processo de interação/troca/comunicação verbal, fazendo emergir signos portadores de valores sociais, definidos a partir do horizonte social de sua época e pelas formas das relações sociais nas quais se constroem.

Esse discurso é validado tomando como base os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin que concebem a linguagem como uma atividade cognitiva, cuja orientação se dá na esfera da comunicação, manifesta na pluralidade linguística, em que a língua não mais é concebida como forma apenas. Essa orientação focada no universo sógnico verbal determina, portanto, o estabelecimento da relação de uma língua real, utilizada em contextos reais por e para falantes reais o que, no dizer de Oliveira (2002), incorpora ao ensino e aprendizagem da língua materna, questões relacionadas ao sujeito do discurso, passando, portanto pelas noções de valor, das vozes sociais e suas relações dialógicas.

Conforme Bakhtin (1992), deve-se estudar e compreender os aspectos e formas de relação dialógica entre enunciados, formatados em diversos gêneros discursivos, plenos de



orientações apreciativas, juízos de valor, em síntese, elementos que, embora alheios ao sistema lingüístico, remetem para o próprio funcionamento do enunciado, no qual se fazem ressoar vozes, algumas vezes longínquas e até imperceptíveis, entre as quais distribuem-se os sentidos. Vozes compreendidas como manifestação de consciências que dialogam, debatem, concordam, discordam, silenciam a voz do outro ou a si próprio, expressando valores, plurais ou não, personificação de diferentes sujeitos, de diferentes visões de mundo.

A esse respeito, Oliveira (2002, p. 8) diz:

É nas relações dialógicas, portanto, que se pressupõem sujeitos, ainda que seja difícil reconhecê-los, face à sua não concretude imediata, e que vão desde aquelas mais simples, como a polêmica, a paródia, até aquelas que vão permitir e possibilitar ultrapassar, no ensino da língua, o nível da organização do texto, penetrando no campo das significações, dos valores, da subjetividade, enfim, da linguagem concebida como uma prática discursiva.

Portanto, dentro desse pensamento é que se pode analisar textos como enunciados, no sentido bakhtiniano, permitindo, assim, distinguir, entre textos aparentemente semelhantes, a singularidade de cada um deles e as tomadas de posição desses sujeitos.

2. O significado sob a ótica bakhtiniana

Em torno da problemática do significado, há mais de definição nessa questão do que de resolução do problema. Segundo Voloshinov (1995), o sentido de um enunciado é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição, como as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações, mas igualmente pelos elementos não-verbais da situação. Esses elementos são condição *sine qua non* para que não se perca o sentido do enunciado, tão quanto suas palavras mais importantes. Enquanto o sentido de um enunciado é essencialmente irreduzível a análise, o significado do enunciado, por outro lado,



pode ser analisado em um conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõem.

O sentido é, pois, um sistema de signos dinâmico e complexo que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. Tal sentido é uma reação da consciência, enquanto o significado um aparato técnico para a realização do sentido, ou seja, grosso modo, o significado está a serviço do sentido. E, esse sentido é um atributo apenas do enunciado completo e esse sentido pode pertencer a uma palavra isolada, tão somente, se essa palavra opera num enunciado global. Por ser apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um sentido completo, o significado não quer dizer nada em si mesmo. Dessa forma, pode-se formular um limite entre sentido e significado, sendo este o estágio superior real da capacidade linguística de significar e aquele, o estágio inferior dessa capacidade.

Conforme Faraco (2009), para os autores do Círculo de Bakhtin, os signos são intrinsecamente sociais, ou seja, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social, emergindo e significando no interior de relações sociais que só ocorrem semioticamente mediadas, numa dimensão axiológica, sempre atravessada por valores. Esses signos não apenas refletem o mundo, mas também refratam, ou seja, interpretam a realidade. E, para o Círculo, é “impossível significar sem refratar”.

É nesse sentido que nossa pesquisa busca, através desse significar, como os verbos ficar e namorar numa situação de contexto de vestibular, refletem uma dada realidade e como essa realidade é refratada, ou seja, que elementos exteriores conduzem ou induzem os sujeitos desse contexto a tomar posição, a dar sentido e a valorar determinados enunciados, num contexto puramente social em que vozes outras ressoam toda uma ideologia de vida e interferem nessa tomada de posição. É assim que numa situação comunicativa como essa que estamos pesquisando nos traz um conceito criado por Voloshinov para descrever a presença dos falantes e do tema, como um dos principais elementos formadores do enunciado partindo do social: o subentendido.

A teorização do enunciado no Círculo de Bakhtin é recorrente em sua obra porque descreve detalhadamente como se dá o processo da interação verbal, principalmente no



tocante à distinção entre “enunciado e enunciação”. Um outro ponto importante citado em Brait (2009) é o tratado como “subentendido”, que Voloshinov (1995) descreve numa situação comunicativa em que falantes discutem acerca do tempo e por estarem fazendo parte de um contexto real, seus discursos são valorados, ou seja, a situação comunicativa se dá num contexto social definido cujos falantes usam uma série de subentendidos e, assim conseguem valorizar socialmente o conteúdo do enunciado.

Essa valorização social requer, por assim dizer, o “antecedente” conforme trata Bakhtin apud Brait (2009) em um de seus artigos intitulado “O problema do conteúdo, do material e da forma na atividade estética”. Nesse contexto, importante é entender que ao contrário da valorização individual, a valorização social revela o “nós”, ou seja, à família, a tribo, à nação, à classe social, o dia ou a uma época inteira em que o valor social está circunscrito.

Num mundo globalizado e fluido como o que vivemos hoje, encontramos em Bakhtin ideais que levam o homem a repensar sua própria existência. Esse repensar se verifica através da mais antiga necessidade humana: a comunicação. E essa comunicação nesse filósofo da linguagem se dá no plano da dialogia, da alteridade e da ideologia, entre outras formas de se conceber a linguagem como prática social. Assim, no dizer de Bakhtin (Para uma reelaboração... p. 334) apud Faraco, Tezza & Castro (1996, p. 119) “La vida es dialógica por su naturaleza. Vivir significa participar en un diálogo...El hombre participa en este diálogo todo y con toda su vida: con ojos, manos, alma, espíritu, con todo el cuerpo, con sus actos”.

Todo o entendimento acerca da teoria dialógica de Bakhtin está fundamentada sempre numa concepção social de linguagem. Esse olhar lançado sobre o humano é o que diferencia esse filósofo da linguagem dos teóricos tradicionais. Trata-se de compreender o homem como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio à complexa e intrincada rede de relações sociais de que trata permanentemente.” (FARACO, TEZZA E CASTRO, 1996, p. 118). Está aí o cerne de sua raiz filosófica, essa visão de mundo globalizadora, bem à frente de seu tempo, um olhar contemporâneo, que se espraia para além da materialidade da linguagem e que busca integrá-la ao plano da vida social ativa.

Ainda sob esse olhar bakhtiniano, a linguagem é vista como uma atividade sóciosemiótica, cuja característica essencial é se dar entre sujeitos socialmente organizados,



que estão envolvidos em relações sociais historicamente marcadas em que participam ativa e responsivamente. Bakhtin (2003) não separa os diversos tipos de atividades languageiras. Ao contrário, procura dar-lhes um caráter dialógico em que todos os gêneros do discurso dialoguem, entre si. Nessa perspectiva, não afasta a linguagem dos sujeitos reais e concretos. Faraco, Tezza e Castro (1996, p.122) expõem com clareza essa ideia:

Pela primeira vez, parece possível pensar as questões da linguagem para além das amarras de um raciocínio dicotômico. Pela primeira vez, parece possível pensar as questões do signo para além da campânula dos sistemas formais, dos códigos que tudo prevêm, tudo definem e que, por necessidade das opções teóricas de base, estabelecem uma relação fixa entre o significante e o significado. Pela primeira vez, parece possível entender os processos de significação como ao mesmo tempo relativamente estáveis e sempre abertos, porque percebidos como ações de natureza social, dependentes de relações sociais. Pela primeira vez, descortina-se a possibilidade de conectar o agir do homem – na sua condição essencial de ser sócio-histórico, criador, transformador e em permanente devir – com uma linguagem fundamentalmente plástica, isto é, adaptável à abertura, ao movimento, à heterogeneidade da vida humana.

Nessa perspectiva, a pluracidade, a indeterminação semântica, a fluidez expressiva e a característica de adaptar-se facilmente a situações novas e diferentes faz do signo um dos pontos marcantes desse estudo: o sentido e o valor dos verbos ficar e namorar, nosso objeto de estudo. Questões outras como a variabilidade, a ambivalência e a entonação valorativa também estão presentes no complexo do signo, que requer uma tomada de posição, uma atitude responsiva, uma identificação, sempre em uma relação dialógica, atravessada por valores, conforme Bakhtin apud Ponzio (2008) chama de “compreensão responsiva.

Voloshinov (1995) trata ainda da questão do tema e significação, respectivamente, sentido e significado. Nessa abordagem, discute pontos essenciais para o entendimento dessas categorias, quando afirma que:



o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O sentido é uma reação da consciência ao devir do ser em devir. O significado é um aparato técnico para a realização do sentido (p. 129).

No dizer de Ponzio (2008, p. 92) “o tema precisamente é o que faz com que o signo verbal seja um signo”. Assim, percebemos que não há como separar em absoluto o sentido do significado, justamente porque não se pode significar uma palavra tomada isoladamente, fora de um contexto específico, de uma realidade social historicamente determinada, em face da concretude do sentido do enunciado. Deve-se perceber, no entanto, que o significado não se realiza em si mesmo, ele só se realiza no interior de um sentido concreto. É nessa perspectiva, que busco trabalhar os sentidos dos verbos ficar e namorar num contexto social definido, com sujeitos socialmente constituídos a fim de entender como esses sujeitos se posicionam face à situação proposta.

Outra preocupação é como são atribuídos os valores aos verbos citados anteriormente. Observa-se que essa valoração passa por questões de ordem ideológica, moral, religiosa, comportamental, etc. A valoração de uma determinada palavra num contexto socialmente histórico definido é sempre construída em cima das vozes sociais do eterno discurso reproduzido, da recorrência ao discurso alheio, da palavra tirada da boca do outro, “seja por meio de uma simples imitação, como uma pura citação, seja em uma tradução literal ou, ainda, seja através de diferentes formas de transposição” (PONZIO, 2008, p. 101).

Essas palavras tiradas do discurso do outro não são palavras desprovidas de valor, ao contrário são constructos formadores de enunciados elaborados, de textos ideologicamente construídos e comprometidos com a práxis humana no mundo da vida. Voloshinov apud Ponzio (2008) trata ainda do que ele chama “manipulação da palavra alheia”. Deve-se entender esse processo não no sentido negativo da palavra, mas na maneira como o discurso pressupõe o discurso alheio do qual se apropria. Esses discursos são manipulados justamente porque pertencem “a discursos concretos, ligados a contextos situacionais e lingüísticos concretos” (PONZIO, 2008, p. 102).



Nessa perspectiva de pensar a palavra sobre o viés bahktiniano do signo como sendo um aparato ideológico, com valor semiótico é que busco demonstrar como alunos pré-vestibulandos se posicionam ideologicamente para atribuir sentidos e valores aos verbos “ficar e namorar”. Questões pensadas e trabalhadas pelo Círculo de Bakhtin tratados aqui como sentido, significado, valor, presumido, ideologia, contexto, signo, enunciado, entre outros formam o aporte teórico com o qual trabalhamos.

3. A fluidez dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade

Se estamos na era da globalização, da modernidade líquida e, por consequência do amor líquido, nos encontramos, também, na era da instantaneidade, do individualismo, do descompromisso, do descarte, na qual as coisas acontecem numa velocidade espantosa.

A modernidade fluida provocou uma profunda mudança na ordem mundial. Ser moderno significa estar em constante movimento, estar a frente de seu tempo, buscar uma não identidade a fim de tornar-se um sujeito múltiplo, plurissignificativo. E, a principal ferramenta para esse novo momento, em que as palavras de ordem são poder e dominação, é o acesso aos meios tecnológicos, cuja velocidade é fundamental na conquista do espaço. Assim, essas categorias ganham significativa relevância por serem determinantes na caracterização da vida moderna.

Nessa modernidade, o espaço é o lugar de encontros fugidios que não favorecem a interação, mas respondem a um apelo social de pertencimento a uma determinada comunidade. Assim, apesar de diversos em suas características físicas, igualam-se no apelo ao consumo a que se destinam, sejam de quais ordens forem essas formas de consumo. Esses espaços urbanos ‘públicos-mas-não-civis’, chamados de êmicos, fágicos, vazios, “desencorajam a idéia de ‘estabelecer-se’, tornando a colonização ou domesticação do espaço quase impossível” (BAUMAN, 2001, p. 119).

A presença dos indivíduos nesses espaços transitórios é de natureza puramente física, não interessando, portanto, suas subjetividades. A principal característica desses ‘não-lugares’



é a conduta dos transeuntes, que devem manter um comportamento universal que seja compreendido e aceito mutuamente, independente do idioma que fale. Como encontrar sentido, então, nesses não-lugares que hoje ocupam tanto espaço na modernidade? Para responder a essa indagação, Bauman(2001, p.120), nos esclarece que:

Os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado. Não que sejam sem significados porque são vazios: é porque não têm significado, nem se acredita que se possam tê-lo, que são vistos como vazios (melhor seria dizer não-vistos). Nesses lugares que resistem ao significado, a questão de negociar diferenças nunca surge: não há com quem negociá-la.

Quando se discutem relacionamentos afetivos na contemporaneidade, percebemos que há um choque de cultura entre o que se entendia por relações afetivas nas gerações passadas e as que estão postas na sociedade atual. Esse choque é emblemático porque expõe um traço revelador que caracteriza a sociedade contemporânea: a fluidez das relações afetivas.

Essa idéia de fluidez foi amplamente difundida pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade Líquida*, no qual, de forma contundente, nos apresenta um panorama, não muito otimista, de como as transformações sociais convergem para a formação de uma nova sociedade, cujas alterações de toda ordem se dão em todas as esferas, sejam elas de natureza trabalhista, institucional, da vida pública ou privada, do estado, do sujeito e suas relações humanas.

Bauman (2001), ao tratar desse fenômeno social, constrói uma metáfora lancinante e, não menos factual, do derretimento dos sólidos, ou seja, da liquefação das instituições sociais sólidas em toda sua magnitude, sejam elas as da instituição familiar, das relações de trabalho, da vida pública e privada, entre tantas outras, historicamente e culturalmente cristalizadas na nossa sociedade, que surgem ganhando outras nuances, outras formas, outros contornos, numa grande velocidade em que, disformes pelo fenômeno da liquefação, procuram “encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e



modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar” (BAUMAN, 2001, p. 13).

Em consequência dessas transformações sociais, na atual sociedade liquefeita entra em cena a dissolução dos laços sociais afetivos, que constituem o cerne dessa problemática e que determina as novas formas de expressão das relações afetivas. Se o advento da “modernidade líquida” trouxe em seu bojo um momento novo em que o desapego, o descompromisso sugerem uma certa liberdade, em contra-partida revela a sensação de individualização, estabelecida entre os sujeitos envolvidos nesse processo que elimina a estrutura macrosocial em detrimento de um convívio social individualizado, fragmentado, fluido.

A própria categoria denominada “indivíduo” é uma constatação feita a partir das reflexões que surgem do crescente processo de individualização social, amplamente discutido e teorizado por Bauman (2001). Esse processo de individualização social, ao mesmo tempo que desconstrói instituições sólidas, como, por exemplo, o modelo prototípico da família tradicional, faz surgir, por outro lado e, como consequência desse novo momento, novas redes de pertencimento, em que o indivíduo passa a ser constituído por outras subjetividades.

Nessa perspectiva, uma nova cultura aponta e passa a determinar novos comportamentos: o *eu* passa a determinar culturalmente o que antes era protagonizado pelo *nós* e, assim, os sujeitos desse processo passam a ter relacionamentos em que predominam laços mais frágeis em que podem ser desfeitos a qualquer momento e, em qualquer situação que possa desagradar quaisquer das partes envolvidas.

Assim, há um processo de privatização das parcerias humanas em que, cada vez mais fragmentados, descompromissados e fluidos, os relacionamentos são, muitas vezes, vistos sob a ótica da leveza e da liberdade individual, o que de certa forma, mascaram determinadas posturas adotadas sob a condição dessa suposta liberdade. Por outro lado, essa nova realidade traz consigo manifestações sintomáticas características: solidão, depressão, isolamento e carência figuram nesse campo como as mais frequentes sensações dessa individualidade moderna.



4. Considerações finais

Neste artigo, discorremos sobre as categorias de sentido e valor atribuídos aos verbos ficar e namorar em enunciados produzidos por vestibulandos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com relação às formas de manifestação desses sentidos, o texto de Voloshinov (1995) nos coloca no foco central dessa discussão, o que nos dá uma real dimensão dessa problemática manifesta no pensamento dos autores do Círculo de Bakhtin.

Diante dessa perspectiva, verificamos que os sentidos atribuídos aos enunciados propostos são atravessados por valores construídos socialmente, o que leva a crer que a palavra é significada e ressignificada no eterno discurso do já-dito e valorada por vozes sociais presentes na história de vida dos sujeitos nela envolvidos, numa perspectiva dialógica semiotizada num mundo de relações fluidas e complexas, em que as relações sociais cada vez mais se fragmentam e, passam de instituições concretas, cristalizadas socialmente e ideologicamente, através da história da humanidade a relações móveis, não acabadas e numa constante reinvenção desses novos modelos.

Por fim, este trabalho, numa visão de lingüística aplicada, nos faz refletir, com base num trabalho sobre a construção dos sentidos, dos verbos “ficar” e “namorar”, que sentidos e valores “ficar e namorar” assumem hoje nos textos em análise e que vozes se fazem ressoar nessas práticas discursivas produzidas em espaços e situações específicas em que os sujeitos estão envolvidos em um cronotopo específico qual seja o de um vestibular, cuja análise se dá sob o olhar da teoria dialógica dos autores do Círculo de Bakhtin.

Referências

- BAKHTIN, M. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: **Questões de estética e de literatura**. São Paulo. Hucitec, 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Jorje Zahar Editor. 2001.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro. Jorje Zahar Editor. 1999.



BRAIT, B (org). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo. Contexto. 2009.

BOHN, H. **As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil**. In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena V.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs) **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes Editores, 2005, p. 11-23

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada. In: Paschoal, M.S.Z e Celani. M. A . A. **Linguística Aplicada**. São Paulo, EDUC, 1992.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

LEFFA, V.J. **A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade**. Anais do VI CBLA. Belo Horizonte. 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p. Título original: The question of cultural identity.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades Fragmentadas**. Campinas. Mercado das Letras. 2002

_____. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos**. SCRIPTA, v7.n.14. Belo Horizonte. 2004.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea. Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org.) **Por uma Linguística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, M. B. F. de. **Contribuições do Círculo de Bahktin ao ensino de Língua materna**. Texto elaborado para circulação interna. Natal: UFRN. 2004

_____. Produções escritas e processos identitários: um estudo de textos de alunos do ensino fundamental. Ceará, Revista Linguagem e Ensino. v. 4. n.1. Pelotas. 2001

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo. Editora Contexto. 2008.

VOLOSHINOV. V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1995.

VOLOSHINOV/BAKHTIN. **Discurso na vida e na arte**. VOLOSHINOV. V. Discurso na vida e na arte. Tradução de C.A Faraco e Cristóvão Tezza. In: www.linguagensdesenhadas.com/textos/Discurso_na_vida.pdf